

**MATERIAL DE ANÁLISE CRÍTICA
E PROPOSTA ALTERNATIVA
ÀS POLÍTICAS CURRICULARES
DA REDE ESTADUAL PAULISTA**

ENSINO MÉDIO

**PESQUISA FINANCIADA
PELA FAPESP**

JUNHO DE 2025

Processo: 2021/11390-0

COMPONENTE CURRICULAR

LIDERANÇA

A disciplina Liderança passou a compor o Itinerário Formativo de Linguagens e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, em 2024, juntamente com outros quatro componentes curriculares: Artes e Mídias Digitais, Filosofia e Sociedade Moderna, Geopolítica e Oratória. Para os estudantes que cursavam tal itinerário, foram oferecidas originalmente duas aulas de Liderança por semana, no 2º e 3º anos do Ensino Médio. Em 2025, houve redução para duas aulas semanais, apenas no 2º ano.

No Documento Orientador dos Componentes Curriculares 2024 da Seduc-SP, são elencados os seguintes conteúdos a serem ministrados:

- **Habilidades importantes para o desenvolvimento da liderança: assertividade, precisão, respeito, persuasão, influência, autoridade, resiliência, confiabilidade, ser agradável, evitar críticas ou criticidade;**
- **Mediação de conflitos e resolução de problemas;**
- **Princípios e técnicas de negociação;**
- **Liderança e desafios do planejamento;**
- **Ferramentas e metodologias de gestão;**
- **Trajetória rumo à liderança;**
- **Plano de desenvolvimento individual.**

Em 2024, a disciplina deveria ser atribuída, prioritariamente, aos professores de Sociologia. Entretanto, na ementa elaborada pela Seduc-SP, não havia nenhuma menção à palavra “Sociologia”, e, dentre as oito obras citadas nas referências bibliográficas, havia apenas um livro da área.

Ao analisarmos o material digital disponibilizado pela Seduc-SP por meio do Currículo em Ação, no componente curricular de Liderança, notamos que os slides disponíveis no Repositório do Centro de Mídias da Educação de São Paulo eram o referencial predominante, divididos em eixos temáticos ao longo de cada bimestre. Logo no primeiro eixo, intitulado “Liderança: comece por si mesmo!”, enquadrado no 1º bimestre como uma espécie de introdução ao componente, há uma negação ao ato de criticar alguém, sendo apresentado como um ato reprovável, algo que “não funciona”, instigando, assim, as pessoas a se tornarem agradáveis, aceitáveis, de modo a cultivarem uma confiabilidade nos outros.

Em seguida, temos o eixo Poder de convencimento, dividido em quatro slides contínuos, nos quais é referenciado, com destaque, o nome de Dale Carnegie (2019), com sua obra intitulada *Como fazer amigos e influenciar pessoas*”, dando ênfase a temas como a aceitação pelo outro, desejo de ser importante, convencimento e como atrair as pessoas. O terceiro slide reproduz o seguinte trecho de autoria de Carnegie:

Foco no conteúdo

Em suma, se não tiver elementos para destacar, “não critique, não condene, não reclame”, procure ser empático e ajudar as pessoas quando elas se mostrarem confusas e/ou equivocadas na busca pelo reconhecimento de sua importância. Dessa forma, “as pessoas prezarão e guardarão suas palavras, repetindo-as pela vida inteira – mesmo anos depois de você ter esquecido delas” (CARNEGIE, 2019, p. 44).



Dessa forma, Liderança dá uma forte ênfase inicial no relacionamento com o outro, no sentido da persuasão, da aceitação por um grupo ou indivíduo e do estabelecimento de relações prósperas, visando não apenas os relacionamentos interpessoais, mas também com um foco importante foco nas relações econômicas, que devem ser potencializadas por essa postura. Essa abordagem assemelha-se a um conjunto de técnicas de vendas e de convencimento, colocando-as acima das diferenças, individualidades e valores éticos que permeiam a sociedade.

Temos um total de 16 slides divididos ao longo do 1º bimestre, nos quais, além dos dois primeiros eixos analisados anteriormente, incluem-se ainda Autoridade não é autoritarismo, Atuando sobre conflitos e Demonstrações de resiliência. Na abordagem sobre o significado de autoridade, chega a ser citado superficialmente o Dicionário de Política (Bobbio, Matteucci, Pasquino, 1998), contextualizando muito brevemente como o Ocidente traduz relações de poder, saber e autoridade. Contudo, logo em seguida, o foco principal retorna para Dale Carnegie (2019), cuja obra valoriza a empatia, alteridade, a cortesia, a compreensão e a diplomacia no trato com o outro. O material prossegue abordando, de forma superficial, dilemas como a força e a persuasão nas relações entre indivíduos, com esse eixo chegando, por fim, em práticas de comunicação e liderança.

No nono slide, é citado o Portal Carnegie, site inteiramente dedicado ao pensamento do autor, que, até aqui, se mostra como a principal referência do componente de Liderança.

Por fim, o material digital dedicado ao 1º bimestre finaliza com o tema Demonstrações de resiliência, que se desdobra com essa última desdobrando-se em características e habilidades como “encarar a realidade, buscar sentido e improvisar” (Coutu, 2020). Esse conjunto de competências tornaria os indivíduos capazes de gerir conflitos e exercer uma “liderança sobre o seu time”, com ênfase voltada aos negócios.

Essa ênfase é a tônica de todo o conjunto de materiais voltados ao 1º bimestre, e se mantém - e até mesmo se aprofunda - quando avançamos na análise dos materiais do bimestre seguinte, sobretudo em relação ao eixo intitulado Negociação. O tema negociação norteia praticamente todo o material dedicado ao 2º bimestre, desdobrando-se em várias aulas e subtemas, como: principais elementos da negociação, habilidades de relacionamento, identificação de interesses e posicionamentos, possibilidades de ganhos mútuos, BATNA (Melhor Alternativa para um Acordo Negociado), resistência ao negociador difícil, dentre outros. Mais uma vez, o foco permanece na dimensão comercial e no mundo dos negócios, visando formar líderes capacitados nessas áreas, distanciando-se consideravelmente do conteúdo e da formação específica dos docentes autorizados a ministrar aulas de Liderança - no caso, professores de Sociologia (prioritariamente), sendo também permitida a atribuição a docentes de também de Educação Física, Filosofia e Língua Portuguesa. A ação de negociar é tratada como algo generalizado, uma atividade contínua e extensiva a todos os âmbitos da nossa vida: família, escola, trabalho e relações entre países, como podemos ver no slide abaixo:

Foco no conteúdo

Todo mundo negocia!
A verdade é que, no dia a dia, todo mundo negocia! Uma criança que quer tomar sorvete negocia com sua mãe, uma pessoa que deseja ter aumento de salário negocia com o chefe, dois presidentes negociam os acordos comerciais de seus países, dois colegas negociam o que fazer em um trabalho da escola...



Trata-se de um uso indevido do conceito de negociação, ao tratar essa ação a partir de uma visão de senso comum. A generalização retira os elementos de contexto da ação, tais como intencionalidade, hierarquia e poder, que existem numa relação de negociação concreta, tratando-a num nível abstrato que sugere, tacitamente, que todos podem negociar com todos, em quaisquer condições e em todos os lugares, independentemente de sua posição nas relações de negociação. Presume-se, ao generalizar de forma superficial, que todos são iguais ao entrar numa relação de negociação. Com isso, essa passa a ser uma questão única e exclusivamente ligada ao uso da melhor técnica de persuasão, da capacidade individual e talento do agente negociador. Talvez isso explique a razão de ser de outra disciplina ministrada no itinerário de Ciências Humanas: Oratória.

Assim, o material descontextualiza a negociação como atividade humana, que emerge historicamente em determinadas sociedades e com finalidades específicas. O material não mostra, por exemplo, que a palavra negócio tem origem latina: ne (não) + ocium (ócio), referindo-se, portanto, a uma atividade que não é realizada no tempo livre, no lazer, sendo aplicada às transações econômicas.

Com o decorrer das aulas, o material vai afunilando para negociações em empresas, apresentando um método elaborado em Harvard, intitulado negociação por princípios, que se assemelha a uma técnica de vendas. Trata-se de um conteúdo bastante simplificado, que não possibilita reflexões e aprofundamento, sendo eminentemente utilitário, aplicado e superficial. Há um hibridismo nos materiais utilizados, que ora vêm do marketing, das vendas e administração de empresas, ora de youtubers que são influenciadores de comportamento com prestígio entre os jovens. É o caso do tema da escuta e sua importância nos processos de negociação, em que o material recomendado aos alunos é um vídeo da youtuber Jout Jout.

As propostas visam desenvolver as chamadas soft skills, que, no Brasil, foram introduzidas na educação básica como habilidades socioemocionais, embora isso não seja explicitado. Elas implicam o desenvolvimento de subjetividades, habilidades pessoais e psíquicas que passam a ser exigidas no mercado de trabalho. Assim, não basta ter formação ou qualificação em uma área específica de atuação; é necessário cultivar internamente certos estados mentais e comportamentais que moldem a subjetividade a partir dos princípios do mercado.

Num mundo do trabalho precário e desprotegido, com muitas incertezas e poucos direitos trabalhistas, os estudantes são estimulados pela escola a desenvolver resiliência, iniciativa, motivação, positividade, boa oratória e o poder de convencimento.

É preocupante a abordagem realizada pelo material didático, que dissolve as fronteiras entre as áreas de conhecimento e os âmbitos da vida, pois as habilidades voltadas à adaptação a um mercado de trabalho precarizado são generalizadas como válidas e necessárias para lidar com as relações humanas - pessoais, familiares, escolares -, como se a vida fosse um grande mercado em que é necessário negociar com todos o tempo inteiro.

Além disso, ao indicar técnicas de negociação empresarial, o material passa ao largo da análise das estruturas econômicas e das relações de poder que elas engendram. Isso significa que o conhecimento produzido historicamente pela humanidade é substituído por técnicas vazias de negociação, subtraindo dos estudantes o direito ao acesso ao conhecimento.

Entretanto, a vida social é constituída por tipos variados de vínculo, e a postura do empreendedor, quando extrapolada para outras esferas da vida para além da laboral e econômica produz uma corrosão do caráter, para usar uma expressão de Richard Sennett (1999), já que o indivíduo leva a ideia de competição, curto prazo, desconfiança e individualismo para a vida familiar, afetiva e coletiva, fragilizando os laços sociais. Se entendemos o caráter como a estrutura ética construída pelo indivíduo com base em suas experiências comunitárias, sociais e emocionais, e que se relaciona com o desenvolvimento de sua individualidade e personalidade, podemos nos perguntar: que tipo de experiências o capitalismo flexível de curto prazo, o empreendedorismo e a noção de liderança oferecem ao indivíduo para que ele possa fazer o trabalho de construção de si como ser ético?

No 3º bimestre, os slides abordam grandes líderes da história, como Martin Luther King, Mandela, Gandhi, Malala, Abrahan Lincoln e Winston Churchill. Nota-se um destaque positivo para os líderes caracterizados pelo pacifismo e uma ausência de lideranças negras, por exemplo, com trajetória de enfrentamento. São enfatizados quatro componentes presentes na atuação dos líderes mencionados: visão estratégica, autoridade, protagonismo e comunicação eficaz. A segunda aula aborda a diferença entre poder e liderança, com as seguintes definições:

Poder: é a capacidade de influenciar ou controlar o comportamento de outras pessoas, independentemente de sua vontade. É frequentemente associado à autoridade formal e à capacidade de impor decisões.

Liderança: é a capacidade de influenciar, motivar e capacitar outras pessoas para se alcançar objetivos coletivos. É frequentemente associada à inspiração e à capacidade de guiar os outros de maneira cooperativa.

(Seduc, slide Liderança, 3º bimestre, aula 2)

Embora não seja citada a fonte, e tampouco conste nas referências bibliográficas do material, a primeira parte da definição de poder apresentada tem origem na obra de Max Weber, para quem o poder é a capacidade de impor sua vontade nas relações sociais, de forma implícita ou explícita, com ou sem consentimento alheio. A segunda metade da definição não se aplica a Weber, pois, para ele, o poder não se limita às autoridades formais. A definição de liderança é apresentada como algo positivo, voltado a motivar as pessoas e a serviço de objetivos coletivos, provavelmente inspirada em manuais de administração de empresas e gestão de pessoas, como um dos livros citados nas referências: CALVOSA, M. **Liderança empresarial e estratégica**. Rio de Janeiro: Editora CECIERJ, 2021.

Poder é associado à imposição; liderança, à inspiração - uma oposição manipuladora, sem nenhuma base científica, cujo objetivo é induzir os estudantes a aceitarem positivamente a noção de liderança, ao mesmo tempo em que rejeitam a noção de poder.

Poder é um conceito importante, amplamente discutido pela Sociologia e pelas ciências humanas, e certamente poderia contribuir para a compreensão da liderança atual, que é, na verdade, uma das formas de exercício do poder, especialmente associada aos ambientes corporativos. Também poderíamos considerar a noção de lideranças comunitárias, por exemplo - algo que o material não contempla. Essa associação tácita entre liderança e ambiente corporativo aparece no slide abaixo. O material busca, recorrentemente, exercitar os alunos na resolução de problemas de gestão em ambientes empresariais, como nos exemplos apresentados abaixo. O contexto no qual funcionários e gerências tomam decisões está ausente, como se fosse possível tomar decisões individuais numa empresa sem considerar, por exemplo, seus interesses econômicos e comerciais e a legislação vigente.

Colocando em prática

Situação-problema

A TechFuture, uma empresa global de tecnologia, recentemente lançou um novo produto inovador. No entanto, logo após o lançamento, surgiram relatos de falhas graves no produto que afetavam a segurança dos usuários.

A notícia se espalhou rapidamente nas redes sociais e foi amplamente coberta pela mídia, resultando em uma queda significativa no valor das ações da empresa e uma crise de confiança entre os consumidores.

1. Quais devem ser as primeiras ações da liderança da TechFuture ao tomar conhecimento das falhas no produto?
2. Como os conselheiros podem ajudar a priorizar as ações imediatas?

 Faça já

 Grupos de três ou quatro pessoas

Secretaria de Educação
SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO



Situação-problema

Conflito de equipe em um projeto importante

Cenário:

Você é uma das lideranças de uma equipe em uma empresa de tecnologia. Sua equipe está trabalhando em um projeto crucial com um prazo apertado. Recentemente, você notou uma crescente tensão entre os membros da equipe, especialmente entre dois dos desenvolvedores seniores, Ana e Carlos. A falta de comunicação clara e os constantes mal-entendidos estão afetando o andamento do projeto e o moral da equipe.

 Faça Jé

 Grupos de três ou quatro pessoas

Secretaria da Educação  **SÃO PAULO**
capital do conhecimento

A análise do contexto de atuação de cada tipo de liderança é imprescindível para que se possam compreender a origem e os objetivos das relações de poder. Enquanto uma liderança corporativa representa os interesses da empresa e busca engajar os funcionários no cumprimento das metas organizacionais, a liderança comunitária pode ser compreendida como aquela que mobiliza pessoas em busca de melhorias das condições de vida da população local – como, por exemplo, a reivindicação de saneamento básico para a comunidade.

Ao tratar o tema da liderança de forma abstrata e genérica, o material induz à naturalização do fenômeno e à transmissão de uma visão ideológica positiva. Evidentemente, essa naturalização e positividade das figuras de liderança em nossa sociedade promove a aceitação e o reconhecimento do caráter legítimo da submissão a elas (própria ou alheia), fundamentada em suas boas qualidades e méritos pessoais. Além disso, fomenta o desejo de imitação, levando os indivíduos a quererem se espelhar nesses exemplos. Afinal, quem não gostaria de se destacar socialmente e de exercer a liderança? Dessa forma, a escola passa a estimular o desejo de poder presente nos indivíduos – neste caso, nos estudantes – promovendo a coincidência entre economia e subjetividade. Afinal, o que poderia ser mais eficiente para “engajar” os sujeitos do que ativar e validar sua vontade de gozo individual? Como afirmam Dardot e Laval, ao discutir a “fabricação dos sujeitos neoliberais”:

Trata-se agora de governar um ser cuja subjetividade deve estar inteiramente envolvida na atividade que se exige que ele cumpra. Para isso, deve-se reconhecer nele a parte irreduzível do desejo que o constitui. As grandes proclamações a respeito da importância do “fator humano” que pululam na literatura da neogestão devem ser lidas à luz de um novo tipo de poder; não se trata mais de reconhecer que o homem no trabalho continua a ser um homem, que ele nunca se reduz ao status de objeto passivo; trata-se de ver nele o sujeito ativo que deve participar inteiramente, engajar-se plenamente, entregar-se por completo a sua atividade profissional.

No 4º bimestre, o foco recai sobre as “lideranças contemporâneas”, e o material inicia com imagens de figuras midiáticas bastante conhecidas, como Beyoncé, Luiza Trajano (das Lojas Magalu), Vini Jr. (jogador de futebol) e Joe Biden (ex-presidente dos EUA). Mais adiante, retrata Marc Zuckerberg (fundador do Facebook e dono da Meta), Steve Jobs, dentre outros.

A projeção dessas figuras como modelos de sucesso e exemplos de liderança é reproduzida no material didático, sem a proposição de nenhuma reflexão sobre a natureza da liderança exercida, os interesses econômicos individuais envolvidos e os possíveis impactos sociais dos modelos de negócio. No caso do dono da Meta, ele foi processado pelo escândalo da empresa Cambridge Analytica pois teria passado à companhia os dados de 87 milhões de usuários, utilizados na criação de disparos que teriam contribuído para a eleição de Donald Trump em 2018. Além disso, o CEO, que comanda o Facebook e o Instagram, foi acusado de monetizar a imagem facial de milhões de usuários sem o seu consentimento.

As demais aulas tratam de temas como “Mindset de Liderança”, “Líderes na era digital”, “Líderes em catástrofes”, tendo como pano de fundo comum o silenciamento absoluto, por parte do material, a respeito das causalidades sociais que produzem as crises ou que, no caso das crises climáticas, fazem com que suas consequências sejam acentuadas e recaiam sobre os grupos mais vulneráveis. O ensino de Ciências Humanas e seus componentes curriculares proporcionaria a adoção de uma abordagem diferente, que, ao ser confiscada dos alunos, prejudica não apenas a construção de sua cidadania, mas também sua formação sólida para o trabalho, pois implica o não desconhecimento do contexto social no qual a atuação profissional se realiza.

Posteriormente, o material apresenta dois temas interessantes que poderiam servir de contraponto à visão empresarial monolítica das outras aulas: “Lideranças local e comunitária” e “Líderes inclusivos”. Contudo, a abordagem é superficial e não chega a trazer a devida pluralidade, pois o material continua a reproduzir exemplos, situações e personalidades empresariais como modelos a serem seguidos e copiados pelos estudantes. A diversidade é tratada sob o aspecto comercial, como oportunidade de negócios, conforme exemplificado no slide abaixo:

Construindo o conceito

Caso de estudo 1 – Rihanna e Fenty Beauty e Savage X Fenty

Rihanna, por meio de suas marcas **Fenty Beauty** e **Savage X Fenty**, tem revolucionado a indústria da beleza e da moda com um forte foco em diversidade e inclusão.

- ▶ **Fenty Beauty**: lançada em 2017 com 40 tonalidades de base, ampliando para 50, abrangendo uma gama ampla de tons de pele;
- ▶ **Savage X Fenty**: marca de lingerie que apresenta diversidade de corpos, etnias e expressões. O Savage X Fenty Show, disponível no Amazon Prime Video, destaca essa pluralidade com apresentações de diversos artistas e modelos de diferentes *backgrounds*, tornando o evento uma celebração da diversidade;
- ▶ Rihanna, com sua visão inclusiva, tem demonstrado que é possível ser inovador e ter sucesso comercial ao mesmo tempo.

Fonte: SAPUTO, 2018 e AURELIANO, 2020.

Secretaria da Educação **SÃO PAULO**
GOVERNO DO ESTADO

Concluimos que os objetos de conhecimento não contribuem para o desenvolvimento das habilidades previstas pela própria Seduc-SP. A planilha de “Escopo e Sequência” elaborada pela Seduc para as 13 aulas (de um total de 14) do primeiro bimestre, busca desenvolver uma única habilidade, sem, no entanto, conseguir trabalhá-la de forma plena, como se constata na habilidade em questão:

Avaliar como oportunidades, conhecimentos e recursos relacionados às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas podem ser utilizadas na concretização de projetos pessoais ou produtivos, em âmbito local, regional, nacional e/ou global, considerando as diversas tecnologias disponíveis, os impactos socioambientais, os direitos humanos e a promoção da cidadania.

Nesse sentido, evidencia-se que nem mesmo o discurso da pedagogia das competências tem servido de fundamento para o desenvolvimento do componente curricular. Os objetos de conhecimento elencados não se fundamentam na promoção dos direitos humanos e nem no exercício da cidadania. Isso se torna evidente no primeiro vídeo, em que a conquista da confiança das pessoas é concebida a partir do uso de técnicas de persuasão desenvolvidas pelo FBI (Federal Bureau of Investigation - Departamento Federal de Investigação dos EUA), negligenciando os princípios de dignidade humana estabelecidos pelas Diretrizes Nacionais da Educação em Direitos Humanos.

A compreensão das relações sociais desloca-se da promoção da cidadania para relações de confiança, respeito, empatia e subserviência, em detrimento de uma formação voltada para a autonomia e os valores republicanos. As técnicas de manipulação, como o uso de empatia para criar falsas necessidades, são incentivadas pelo material didático, sem o desenvolvimento de um olhar crítico e desconsiderando a ética como elemento essencial para nortear as relações humanas.

Dessa maneira, os princípios que regem a educação nacional são desrespeitados. Em que pese a importância da comunicação para a constituição das relações sociais, o material em análise oculta que a capacidade de persuasão implica conhecimento humano e científico acumulado - elemento que está sendo subtraído do currículo.

Quanto à forma, o material é digital, apresentado no formato de slides do Currículo em Ação, disponíveis no Repositório do Centro de Mídias da Educação de São Paulo, aos quais os docentes da rede estadual devem acessar via internet e exibir aos alunos (quando há equipamentos adequados e conexão disponível). Também podem editá-los e adequá-los ao tempo de aula ou às particularidades de cada escola ou turma. Há ainda indicações/sugestões de vídeos disponibilizados em plataformas e sites, como o YouTube, com temas relacionados ao componente curricular de Liderança, inclusive com uma listagem de imagens e vídeos utilizados, referenciada ao término de cada conjunto de slides do material digital.

Considerando a baixa diversidade de pensamento e até mesmo a escassez de referências utilizadas como norteadoras do material disponível, podemos afirmar que não há pluralismo de ideias nem de referenciais. A abordagem mostra-se instrumental e ideológica direcionando o componente para a formação acrítica de líderes no sentido empresarial, apagando os conhecimentos próprios da área das Ciências Humanas.

Referências (utilizadas no material digital - Currículo em Ação (SEDUC-SP)):

BOBBIO, N. MATTEUCCI, N. PASQUINO, G. **Dicionário de política** – vol. 1. Tradução de Carmem C. Varriale et. Al. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

CARNEGIE, Dale. **Como fazer amigos e influenciar pessoas**. Trad. Fernando Tude de Souza. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2012.

COUTU, Diane L. et al. **Harvard Business Review**. Coleção Inteligência Emocional: Resiliência. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

SÃO PAULO. **Currículo Paulista: etapa ensino médio**. Organização: Secretaria da Educação. Coordenadoria Pedagógica: União dos Dirigentes Municipais de Educação do Estado de São Paulo – UNDIME. São Paulo: SEDUC, 2020.

Referências (utilizadas para a análise dos slides)

SENNET, R. A **Corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999 .

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

Dessa maneira, os princípios que regem a educação nacional são desrespeitados. Em que pese a importância da comunicação para a constituição das relações sociais, o material em análise oculta que a capacidade de persuasão implica conhecimento humano e científico acumulado - elemento que está sendo subtraído do currículo.

Quanto à forma, o material é digital, apresentado no formato de slides do Currículo em Ação, disponíveis no Repositório do Centro de Mídias da Educação de São Paulo, aos quais os docentes da rede estadual devem acessar via internet e exibir aos alunos (quando há equipamentos adequados e conexão disponível). Também podem editá-los e adequá-los ao tempo de aula ou às particularidades de cada escola ou turma. Há ainda indicações/sugestões de vídeos disponibilizados em plataformas e sites, como o YouTube, com temas relacionados ao componente curricular de Liderança, inclusive com uma listagem de imagens e vídeos utilizados, referenciada ao término de cada conjunto de slides do material digital.

Considerando a baixa diversidade de pensamento e até mesmo a escassez de referências utilizadas como norteadoras do material disponível, podemos afirmar que não há pluralismo de ideias nem de referenciais. A abordagem mostra-se instrumental e ideológica direcionando o componente para a formação acrítica de líderes no sentido empresarial, apagando os conhecimentos próprios da área das Ciências Humanas.

Referências (utilizadas no material digital - Currículo em Ação (SEDUC-SP)):

BOBBIO, N. MATTEUCCI, N. PASQUINO, G. **Dicionário de política** – vol. 1. Tradução de Carmem C. Varriale et. Al. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

CARNEGIE, Dale. **Como fazer amigos e influenciar pessoas**. Trad. Fernando Tude de Souza. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2012.

COUTU, Diane L. et al. **Harvard Business Review**. Coleção Inteligência Emocional: Resiliência. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

SÃO PAULO. **Currículo Paulista: etapa ensino médio**. Organização: Secretaria da Educação. Coordenadoria Pedagógica: União dos Dirigentes Municipais de Educação do Estado de São Paulo – UNDIME. São Paulo: SEDUC, 2020.

Referências (utilizadas para a análise dos slides)

SENNET, R. A **Corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999 .

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

PROPOSTA PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA

A Reforma do Ensino Médio teve como efeito a diminuição das aulas de Sociologia na rede estadual paulista, como podemos ver no quadro abaixo. Atualmente, são ministradas apenas duas aulas na 2ª série do Ensino Médio.

Quadro 1. Sociologia no Ensino Médio Paulista

ANTES DA LEI N.º 13.415/2017- NOVO ENSINO MÉDIO	2021	2024
1ª Série – 2 aulas	1ª Série – 2 aulas	1ª Série – 0
2ª Série – 2 aulas	2ª Série – 2 aulas	2ª Série – 2
3ª Série – 2 aulas	3ª Série – 0 aulas	3ª Série – 0
Total: 6 aulas	Total: 4 aulas	Total: 2 aulas

Fonte: Nota da ABECS-SP. Contra o apagamento da Sociologia no Currículo Paulista para 2024.

O que chamamos de ensino de Sociologia é, na verdade, o ensino de Ciências Sociais, composto por três áreas: Antropologia, Sociologia e Ciência Política, que concentram suas abordagens, respectivamente, no estudo da cultura e alteridade, das relações entre indivíduo e sociedade e política.

O Itinerário Formativo de Linguagens e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, que deveria promover o aprofundamento nessas áreas, não contempla, em seu escopo, os conhecimentos sociológicos em nenhum dos cinco componentes curriculares propostos: Artes e Mídias Digitais, Filosofia e Sociedade Moderna, Geopolítica, Oratória e Liderança. A disciplina de Liderança, embora em 2024 tenha sido atribuída prioritariamente aos professores de Sociologia, não trazia em sua ementa nenhuma menção à disciplina ou às áreas de conhecimento das Ciências Sociais, sendo composta por temas vinculados à administração de empresas e à gestão empresarial de pessoas.

Visando preencher essa lacuna, apresentamos uma proposta de ensino de Sociologia que recoloca no currículo os conhecimentos que foram subtraídos, e aos quais os alunos têm direito de aprender, para que possam obter uma formação ampla, crítica e reflexiva, que os prepare para o exercício de uma cidadania ativa. Isso implica compreender a realidade em que se vive e atua como uma totalidade histórica composta por estruturas estáveis, porém não imutáveis, passíveis de organização, remodelamento e transformação.

Um primeiro passo para construir a proposta foi verificar os temas tratados nas aulas de Sociologia da 2ª série (ver apêndice 1), a fim de evitar sobreposições e repetições. Assim, identificamos a ausência de temas importantes para o ensino da disciplina, os quais foram então incorporados à proposta. Esse trabalho foi realizado no primeiro semestre de 2024, com base na matriz curricular vigente à época, que destinava quatro aulas à disciplina de Liderança: duas aulas no 2º ano e duas no 3º ano do Ensino Médio. No entanto, a publicação da Resolução n.º 84, de 31 de outubro de 2024, alterou essa configuração, reduzindo a carga horária da disciplina para apenas duas aulas no 2º ano. Dessa forma, os conteúdos de Sociologia precisaram ser revistos e reduzidos em relação à proposta original - os conteúdos suprimidos encontram-se listados no Apêndice 2.

Em 31 de março de 2025, a Seduc publicou a Resolução n.º 47, que estabeleceu novas diretrizes para a atribuição de aulas. A norma retirou a prioridade de professores licenciados em Ciências Sociais para a docência da disciplina de Liderança, permitindo que qualquer docente habilitado nas seguintes áreas possa assumir a carga horária: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; Linguagens; Matemática; Ciências da Natureza; bacharelados administrativos (como Administração, Economia, Engenharia); e tecnólogos (Gestão, Processos Gerenciais, Marketing, Recursos Humanos). Essa mudança evidencia o esvaziamento do componente curricular, tanto pela redução de 50% de sua carga horária entre 2024 e 2025, quanto por seu conteúdo superficial e ideológico, uma vez que já não exige mais formação específica para sua docência.

Ainda assim, mantivemos a proposta de ensino de Sociologia como alternativa para o trabalho pedagógico nas escolas no âmbito do componente Liderança, a fim de garantir aos estudantes o acesso aos conteúdos das Ciências Humanas e a uma formação que lhes possibilite compreender suas experiências pessoais a partir da análise das estruturas sociais e políticas mais amplas.

2ª SÉRIE ENSINO MÉDIO		
1º bimestre	Semana 1	Sociologia e Senso Comum
	Semana 2	As bases epistemológicas na construção do pensamento sociológicoIntrodução à Sociologia; contexto econômico e social da Europa e a necessidade de uma racionalidade para compreensão do novo cenário urbano.
	Semana 3	O ser humano em relação como objeto de estudo da Sociologia: as metodologias de análise de Durkheim, Weber e MarxOs fundadores da sociologia; a construção de seus métodos de análise e a formação de diferentes correntes de pensamento.
	Semana 4	A formação das classes sociais segundo Durkheim, Weber e MarxComo o processo de consolidação da sociedade capitalista engendrou as classes sociais e como as interações dessas classes se dá no cotidiano do ambiente urbano.

2ª SÉRIE ENSINO MÉDIO		
1º bimestre	Semana 5	Os processos de Socialização: primária e Secundária Agentes de Socialização O homem como um ser social. Por que os seres humanos necessitam do convívio social e construir laços? O que é o processo de Socialização? Quais os agentes de socialização? O que é socialização Secundária? Como os agentes de socialização interferem na construção do ser social?
1º bimestre	Semana 6	O ser humano como ser social Qual a relação entre a natureza e a sociedade? Por que os seres humanos necessitam de transformar a natureza? É possível a preservação ambiental diante do homem ou do capital?
1º bimestre	Semana 7	A relação Estado, Sociedade e Religião Como o meio natural interfere na sociedade? Quais as formas de organização do Estado, como a religiosidade contribuiu para as identidades nacionais e locais?
1º bimestre	Semana 8	Etnocentrismo e Alteridade De que modo o contato dos Europeus com outros povos contribuiu para a criação de referências e a negação do outro? De que modo é possível romper com o eurocentrismo e adotar uma perspectiva decolonial dos povos de África e Américas?
2º bimestre	Semana 1	As formas de organização de sociedades não ocidentais Como as sociedades não europeias desenvolveram diferentes formas de sociabilidade? Relações com o Estado e a religiosidade? Exemplos: China, Índia, Japão e Muçulmanos.
2º bimestre	Semana 2	A construção das ideias racistas: Darwinismo Social, Determinismo Biológico e Geográfico Qual o impacto da Teoria da Evolução das Espécies na sociedade europeia? De que modo as teorias raciais ganharam adesão e divulgação? O que é o determinismo biológico? O que é o determinismo geográfico? De que modo a profusão de pseudociências no século XIX permitiu a hierarquização das raças nos séculos seguintes?
2º bimestre	Semana 3	A transição do trabalho escravizado para o assalariado. As abordagens de Gilberto Freyre e Florestan Fernandes Como as teorias racistas tiveram adesão no Brasil e repercutiram no modo como a sociedade aboliu a escravidão e fez a opção da substituição pelo trabalho assalariado imigrante? Como as ideias de Freyre e Fernandes explicaram a questão do negro na sociedade brasileira? Como Freyre contribuiu para a construção do Mito da Democracia Racial? Qual o teor da denúncia em Fernandes?
2º bimestre	Semana 4	Imigração, trabalho assalariado e a exclusão do Negro Como o processo de industrialização deixou o negro à margem da modernidade e relegando-os a trabalhos precários e com poucas qualificações? Por que são necessárias as políticas de cotas na atualidade?
2º bimestre	Semana 5	O Racismo Estrutural em discussão: definição segundo Silvio Almeida Como as instituições da sociedade brasileira estão contaminadas com práticas racistas, por vezes silenciosas ou ocultadas na aparência da cordialidade? Como a leitura de Silvio Almeida permite novo olhas sobre as instituições e a sociedade?
2º bimestre	Semana 6	Do associativismo ao Movimento Negro organizado A gênese do Movimento Negro no Brasil. Como os Quilombos e as irmandades religiosas eram espaços de resistência ao escravismo? Em que contexto o movimento negro emerge na luta e denúncia ao racismo e exclusão social no início do século XX.
2º bimestre	Semana 7	A relação Estado, Classes Sociais, Colonialismo e Necropolítica Abordar a teoria geral do Estado, Formas de Representação, Participação Política. Como a classe burguesa se apossa do Aparelho do Estado?
2º bimestre	Semana 8	A relação Estado, Classes Sociais, Colonialismo e Necropolítica Quais os exemplos de política de morte ao longo da História? O que é a Necropolítica na atualidade? Como reconhecer e denunciar?
3º bimestre	Semana 1	A representação do indígena no contexto dos primeiros contatos com os Europeus Quais os conflitos e representações sobre os indígenas foram construídas pelos Europeus nos primeiros séculos? De que modo os indígenas aparecem nas teorias das raças europeias e brasileiras?
3º bimestre	Semana 2	A construção do Estado Brasileiro e a questão indígena Discutir o modo como os indígenas foram percebidos no processo de construção do Estado Nacional brasileiro?
3º bimestre	Semana 3	A organização dos indígenas enquanto Movimento Social. A luta pela terra na Ditadura Civil-Militar e o Marco Temporal Abordar a questão do indígena e sua necessidade de organização internacional. Como a Ditadura Militar afetou as populações da Amazônia? Como a luta em defesa da terra se processou? Como os povos indígenas participaram do processo de democratização e a constitucionalização da demarcação das terras?

2ª SÉRIE ENSINO MÉDIO		
3º bimestre	Semana 4	A organização dos indígenas enquanto Movimento Social. A luta pela terra na Ditadura Civil-Militar e o Marco Temporal Como os povos indígenas têm lutado pela defesa de suas terras? De que modo os indígenas protagonizam a luta social pelo reconhecimento da posse de suas terras e a necessidade de preservação, apresentando uma cosmogonia própria.
3º bimestre	Semana 5	Povos indígenas em São Paulo: Guarani, Kaingang e Pataxós Como vivem os povos indígenas em São Paulo? Como vivem os povos indígenas na metrópole? Quais os desafios para o acesso à terra e a preservação da cultura?
3º bimestre	Semana 6	Cosmovisão indígena e sociedade Perspectivas ameríndias de bem-viver
3º bimestre	Semana 7	Literatura indígena brasileira: Ailton Krenak
3º bimestre	Semana 8	Literatura indígena brasileira: Ailton Krenak
4º bimestre	Semana 1	Papeis Sociais, Contracultura e transformações na sociedade Como a sociedade patriarcal consolidou as formas de sociabilidade estabelecidas? Como a propriedade privada e o capitalismo regula os corpos e os limita ao processo de reprodução da mão de obra?
4º bimestre	Semana 2	O nascimento do movimento feminista e a contestação da sociedade patriarcal As consequências do movimento cartista na Inglaterra, suas vitórias e a exclusão das mulheres da cidadania política. Como nasceu o movimento das sufragistas na Inglaterra? Como suas lutas foram recebidas e o imaginário negativo foi posto?
4º bimestre	Semana 3	O feminismo pós Guerra e as lutas sociais da mulher negra Como ocorreu a transferência do epicentro do movimento feminista para os EUA? Como o pós-guerra levou as mulheres brancas de classe média a contestarem o status quo? Em que contexto nasceu o feminismo negro? Que exclusões fizeram emergir o feminismo negro? Quais as interseccionalidades entre o feminismo e outros movimentos de contestação?
4º bimestre	Semana 4	Movimento Feminista: ondas ou ciclos de luta? Ondas de Feminismo ou Ciclos de Luta? As reivindicações do início do século XIX se exauriram com o passar das décadas ou há continuidade destes movimentos?
4º bimestre	Semana 5	O movimento feminista no Brasil e a cidadania política e social Como se formaram as primeiras organizações feministas no Brasil? De que modo se deu a luta pela cidadania política? O que representou o sufrágio feminino na Constituição de 1834?
4º bimestre	Semana 6	O movimento feminista na contemporaneidade: formas de ação e o identitarismo em debate Como está o movimento feminista no mundo e no Brasil atual? Quais as diferenças entre o identitarismo liberal e a luta de classes no cerne do movimento feminista?
4º bimestre	Semana 7	A Rebelião de Stonewall e o nascimento do movimento LGBTQ De que forma surgiu o movimento LGBTQ? Quais as interseccionalidades entre o feminismo, feminismo negro e a discussão sobre os papéis sociais, corpos dissonantes e a luta pelo reconhecimento dos direitos Cívicos, Políticos e Sociais?
4º bimestre	Semana 8	O ativismo LGBTQIAPN+, pautas reivindicatórias e Direitos Sociais Quais os desafios e os rumos das lutas do movimento LGBTQIAPN+? Em que medida a conquista de direitos civis e sociais contribui para a democracia?
Total aulas: 64 com 32 encontros semanais no ano.		

Estratégias de Ensino

Para que o estudante se torne construtor ativo de seu conhecimento, é essencial que as aulas dialogadas tenham como ponto de partida o estímulo à curiosidade, por meio de questionamentos que promovam a reflexão crítica. Para isso, deve-se partir das vivências imediatas dos alunos, avançando gradualmente para níveis de análise mais complexos, capazes de elucidar estruturas sociais amplas e, por fim, retornar à realidade com novas compreensões.

Nesse processo, a utilização de exemplos cotidianos e a apresentação de dados concretos são fundamentais, pois demonstram que o conhecimento sociológico possui rigor metodológico e está ancorado na análise da realidade. Além disso, atividades como a aplicação de questionários, a realização de entrevistas e a interpretação de resultados podem ser ferramentas valiosas para o desenvolvimento do raciocínio sociológico.

Outro aspecto indispensável é o cultivo da leitura e da escrita, bases para a formação do pensamento crítico. Diante das dificuldades de interpretação textual, comuns atualmente, sugere-se iniciar com textos curtos e acessíveis, progredindo para materiais mais complexos. A sala de aula é um ambiente propício para leituras coletivas, seguidas de debates e exposições que aprofundem a compreensão dos temas.

Recursos multimídia, como filmes, documentários e fotografias, também podem ser empregados para ilustrar conceitos e teorias sociológicas, tornando o aprendizado mais dinâmico e conectado a diferentes linguagens.

Ao final dessas atividades, espera-se que os estudantes sejam capazes de diferenciar o senso comum da análise sociológica, consolidando uma postura crítica e reflexiva diante da sociedade.

REFERÊNCIAS

Livros Didáticos

BOMENY, H. et. al. **Tempos modernos, tempos de sociologia**. São Paulo: Ed. do Brasil, 2013.

MACHADO, I. J de R.; AMORIM, H.; BARROS, C. R. de. **Sociologia Hoje**. São Paulo: ed. Ática, 2014.

SILVA, A. et. al. **Sociologia em movimento**. São Paulo, Moderna, 2013.

TOMAZI, N. D.; ROSSI, M. A. **Sociologia**. Volume único. São Paulo: Ed. Saraiva, 2018.

Outros livros e materiais:

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho?** São Paulo: ed. Brasiliense, 1988.

ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018

ANTUNES, R. (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BAUMAN, Z.; MAY, T. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Fatos e mitos. São Paulo: Difusão européia do livro, 1970.

BERGER, P.; BERGER, B. Socialização: como tornar-se um membro da sociedade. In: FORACCHI, Marialice M. e MARTINS, José de Souza (Org.). **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1990.

CARMO, P. S. do. **O trabalho na economia global**. São Paulo: Ed. Moderna, 2004.

CARMO, P. S do. **A ideologia do trabalho**. São Paulo: Ed. Moderna, 2005.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano. 2003. Cap. 7. p. 49-58. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/54022>. Acesso em 2 set. 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.

CENTRO BRASILEIRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO. **Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades 2024**. São Paulo, 2024. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1xq4NkRZ9OvmnzCpJMXO0_SbHwI984cKk/view. Acesso em 02 set. 2024.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO. **Povos indígenas em São Paulo**. Disponível em <https://cpisp.org.br/povos-indigenas-em-sao-paulo/#:~:text=No%20Estado%20de%20S%C3%A3o%20Paulo,origem%20o%20Nordeste%20do%20pa%C3%ADs>. Acesso em 02 mai. 2025.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. In: **Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino**, n. 1, 2011. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/24-textos-das-autoras/1445-lelia-gonzalez-por-um-feminismo-afro-latino-americano>. Acesso em 2 set. 2024.

GRESPLAN, J. Karl Marx. **A mercadoria**. São Paulo: Ática, 2006.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

LARAIA, R. de B. **Cultura**. Um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MBENBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n. 1 Edições, 2018.

MOURA, C. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

MUSSE, R. **Émile Durkheim**. Fato social e divisão do trabalho. São Paulo: Ática, 2007.

QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L. de O.; OLIVEIRA, M. G. M. de. **Um toque de clássicos**. Marx, Durkheim, Weber. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

SINGER, P. **A formação da classe operária**. São Paulo: Atual, 1994.

WEFFORT, F (org.). **Os clássicos da política**. 14 ed. São Paulo: Ática, 2006.